

## Editorial

*Leandro Assis Santos*

A Revista *Ensaios Filosóficos* traz à baila um conjunto de textos que nos desafia. Tendo por base a Filosofia, os apontamentos da presente edição urdem uma análise refinada da realidade a partir de áreas muito distintas, tais como o cinema, programas televisivos, música popular, Direito e tantos outros. Nessa perspectiva, a Revista se presta a cumprir um papel para além de seu lugar social: não só o de informar, mas o de *incomodar, provocar* novos olhares a fim de nos retirar do lugar comum, do “isolamento” intelectual.

O primeiro artigo dessa edição chama-se *John Rawls e Charles Larmore: A ideia de liberalismo e a concepção de pessoa*, escrito por Elnora Gondim, Tiago Tendai Chingore e Antônio Danilo Bastos, que iniciam seu texto apontando para as diversas maneiras de se entender o termo “liberalismo”, valendo-se da obra do filósofo norte americano Charles Larmore. Contudo, para melhor dimensionar a expressão em questão, essa será comparada à concepção de John Rawls. Entre as duas compreensões de liberalismo há um entrave: segundo os autores do artigo, Rawls não explicita o conceito de “homem” de forma tão veemente quanto Larmore a fim de evitar discursos metafísicos. No interior da concepção de liberalismo de Rawls, o artigo esclarece que o viés mais claro a fim de o entender é interpretar a constituição própria da liberdade. Os autores do escrito ora publicado elucidam que o entendimento de “homem”, precioso no escrito, possui várias dimensões e delimitações, o que obriga a demarcar com *qual* concepção se irá trabalhar; qual seja, aquela descrita pelo liberalismo. É nesse ínterim que ganha sentido o ponto de vista de “pessoa” de Rawls e seu diálogo com a ideia de liberalismo de Charles Larmore.

O segundo artigo desta edição traz por título *Confinamento e desigualdade social: vidas em sequestro e o impossível no reinventar de si mesmo em tempos de pandemia*, escrito por Rogério Rodrigues. O texto visa tratar de um tema extremamente atual: como que o avanço do nova corona vírus foi proporcional ao aumento da desigualdade social no Brasil. O interessante do artigo é este se guia por uma dimensão de pensar o confinamento social iniciado em março de 2020 a partir da Filosofia da Educação. Coloca-se, assim, em primeiro plano de sua reflexão, o objetivo de refletir acerca da necessidade de se diminuir as desigualdades sociais, questionando-se a dimensão do individualismo exacerbado que se impôs como regra na pandemia.

Lucas Ribeiro Vollet nos apresenta *A Teoria da Descrição e uma reflexão sobre as motivações filosóficas da tese da rigidez dos nomes próprios: um argumento favorável a Russel*,

que busca remontar uma complexa dicotomia entre Bertrand Russel e Saul Kripke quanto a teoria das descrições e da tese da rigidez. O escrito marca quatro pontos centrais de aproximação e distinção entre os autores citados, tratando, de maneira geral, da questão da semântica e das proposições linguísticas. Deve-se atentar a construção conceitual proposta no texto a fim de acompanhar seu desdobramento e análise.

Na ordem dos artigos, *Filosofia na música e na televisão: ensaio sobre o eterno retorno em Cotidiano e na Grande Família*, Barbara Smolniakof procura relacionar dois eixos fundamentais da cultura popular, qual seja, a música e a televisão. Sua análise se estrutura a partir da noção de *eterno retorno*, de Friedrich Nietzsche, abordando um episódio do programa televisivo *A Grande Família*, bem como a música *Cotidiano*, de Chico Buarque. Seu objetivo é mostrar como que temas filosóficos podem ser retirados dos mais distintos elementos, sobretudo aqueles mais hodiernos.

Em seguida, o texto intitulado *Martin Heidegger – Ser e Tempo II, Parágrafos 72 a 75 - Breves Comentários*, de Nilo Vale, intenta elucidar como que as reflexões de Heidegger podem ser úteis tanto para a psicanálise quanto para a psiquiatria. Conforme o autor do artigo, um dos pontos de apoio para tal interpretação é o entendimento do filósofo alemão sobre o ser do humano, considerando a fundo o problema da morte como eixo central de exame.

Jean Carlos Duarte Pinto Coelho, em *A filosofia entre o estar só e a solidão*, toma por base a obra de Hannah Arendt acerca dos terrores do totalitarismo. É nesse contexto que a ideia de solidão é entendida como um tipo de sujeição das massas à ideologia do regime. Compara a mencionada noção à solidão que é imanente ao próprio fazer filosófico (e artístico), e aponta para o perigo de se sucumbir ao distanciamento da política. É nessa ótica que se deve separar os fenômenos da solidão, do isolamento e do estar só, no qual se esmiuça muito bem no presente escrito, conectando àquilo que é necessário à política.

Em *John R. Searle e a questão da consciência: um estudo introdutório a sua problemática*, Andre Renan Batistella Noara, como explicitado no título e seu artigo, intenta esclarecer como o pensador norte americano John Searle entende a noção de consciência. Para tanto, o autor do artigo mostra como o filósofo, nos distintos momentos de sua meditação crítica, buscou se esquivar das conceituações canônicas no que tange à Filosofia da Mente, e até mesmo quanto a formulação do conceito de “homem”, que o pensador igualmente se furtou a considerar tendo em vista o entendimento tradicional.

Vitor Luiz Viana Figueiredo em *Lima Vaz, intérprete de seu tempo: modernidade, niilismo e a questão de Deus*, mira algo significativo: mostrar as imbricações estruturas no

interior do pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz acerca das conexões entre a razão moderna, o niilismo e o ateísmo estrutural da cultura contemporânea. A empreitada se cumpre em partes, em que a primeira empreende uma análise da modernidade, guiada por uma estrutura matemático-operacional. A partir disso, o artigo aborda aquilo que, na concepção de Lima Vaz, articula a gênese dessa estrutura racional, a saber, a noção de “representação”. Por fim, o estudo aborda o tema que confere seu título: a relação entre tal perspectiva de modernidade, o ateísmo e o niilismo.

Em seguida, Arthur Henrique Soares dos Santos esclarece em *A recepção fregeana das distinções de Kant entre juízos a priori, a posteriori, analítico e sintético* como que Kant e Frege entendem os juízos que nomeiam o escrito aqui em voga. Para o autor, a economia conceitual forjada por Kant é de grande valia à filosofia analítica, sobretudo para Gottlob Frege. Não obstante, o eixo central do artigo almeja evidenciar as profundas diferenças e aproximações entre os dois filósofos quanto as discussões ligadas, quer ao âmbito da analítica, quer ao horizonte da sinteticidade dos juízos *a priori* e *a posteriori*.

*O processo eleitoral em tempos de pandemia: uma discussão social e filosófica*, de Gustavo Matos, toca em um assunto muito delicado do contexto atual. Em plena pandemia de corona vírus, 2020 foi ano eleitoral para diversos países, a exemplo do próprio Brasil e dos Estados Unidos. Ainda que a pandemia tenha alcançado patamares inimagináveis desde seu começo, os pleitos eleitorais desses países estavam a todo vapor. Cabe acompanhar a análise proposta por Matos a fim de entender a questão em jogo, em especial, em um contexto em que se discute o acesso ao voto.

O escrito *Livre-arbítrio e Direito Penal: uma crítica spinozana*, de Rodrigo de Souza Costa, a fim de entender o conceito de “crime”, associa a culpabilidade ao Direito penal. Essa culpabilidade, na ótica do autor, se articula por meio de três perspectivas: a imputabilidade, o potencial conhecimento da ilicitude do fato e a exigibilidade de conduta diversa. O artigo toma rumos ainda mais interessantes quando busca aproximar tais questões do pensamento de Baruch Spinoza, conectando ao conceito de livre-arbítrio, em que o Direito se torna um meio de garantia da democracia, devendo ser entendido como aquilo que afiança a civilidade.

A resenha de Matheus José Tolentino acerca de *O farol*, filme de Robert Eggers, aponta para um filme extremamente pouco ortodoxo e produtor de metáforas densas e significativas a partir de elementos sobrenaturais. Os paradoxos, os dilemas, os embates entre elementos que definem o gênero humano, enfim, são todos colocados em xeque. Deve-se atentar com a perspectiva das narrativas e os modos em que se desenrolam, o som de captação monofônica, a

coloração da película, as personagens; nada passa incólume aos olhos de Eggers. O próprio autor da resenha faz o convite para enfrentar o filme: “*O Farol*, filme que oferece um mergulho completo no descarrilamento mental visceralmente entranhado em lendas e superstições sobrenaturais que ora motiva ora decorre delas”.

Finalmente, na entrevista a Luiz Bernardo Leite Araujo, feita por Leonardo Macedo, questiona-se os temas centrais de estudos do entrevistado, com destaque a ética e filosofia política, que remontam a questões fundamentais do pensamento moderno e contemporâneo, temas estes associados à democracia, pluralismo, esfera pública, multiculturalismo e secularismo, todos inter cruzados pelo destaque oferecido à religião. Diálogo singular que chama a atenção pela profundidade de frentes de atuação do entrevistado, autores de interesse, bem como, por fim, a apontamentos para a crise da ascensão da extrema direita no ocidente. Entrevista para se ler e reler, algumas vezes.

Esta edição, como se percebe, traz uma rica coletânea de textos das mais diversas ordens. Cabe a nós, leitores, apreciar sem moderação.